

**Caderno de  
Formação Nº 29**

# **Campanha de Construção da Escola Nacional do MST**

**Maio 1998**

**Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST**

## **Expediente**

**Campanha de Construção da Escola Nacional do MST**, é uma publicação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST

**Diagramação:** Zenaide Busanello

**Impressão:** Gráfica e Editora Peres

**Secretaria Nacional - MST**

Alameda Barão de Limeira, 1232

01202-002 - São Paulo - SP

Fone/Fax: (011)33613866

E-mail: [semterra@mst.org.br](mailto:semterra@mst.org.br)

Homepage: <http://www.mst.org.br>

**Campanha de Construção  
da Escola Nacional  
do MST**

# ÍNDICE

Apresentação .....	5
<b>I - A Escola Nacional Florestan Fernandes .....</b>	<b>7</b>
1. Por que uma escola nacional do MST?.....	7
2. Qual a importância do estudo no MST?.....	10
3. Breve história da formação no MST .....	12
4. Quais os objetivos da escola nacional? .....	15
5. Quais os principais cursos que serão realizados na escola nacional? .....	15
6. Qual a estrutura física que iremos construir?.....	17
7. Por que construir a escola nacional em São Paulo?.....	18
<b>II - A campanha de construção da escola nacional Florestan Fernandes .....</b>	<b>20</b>
1. Por que fazer uma campanha de arrecadação de recursos? .....	20
2. Como cada militante irá ajudar a construir a Escola Nacional? .....	22
3. Organização da campanha da Escola Nacional .....	23
<b>III - O patrono Florestan Fernandes .....</b>	<b>24</b>
1. Por que o nome da escola nacional Florestan Fernandes? .....	24
2. Quem foi Florestan Fernandes? .....	25
3. O legado do companheiro Florestan Fernandes? .....	27

# APRESENTAÇÃO

No VIII Encontro Nacional foi deliberado que a cada anos o MST desenvolveria uma campanha nacional para superar um desafio de nosso Movimento. Diante dessa deliberação, em 1996, o MST de quase todos os Estados compraram suas sedes. Em 1997, compramos a nossa sede nacional em São Paulo. **Em 1998 o desafio é construir a nossa Escola Nacional.** É para isso que estamos todos convocados.

No MST estamos sempre enfrentando novos desafios. E um desses desafios é o da formação e do estudo. Mas só vamos superar esse desafio quando todas as crianças estiverem na escola, quando tivermos todas as professoras e professores qualificados em pedagogia e magistério, quando tivermos nossos técnicos formados em cooperativismo e agronomia e quando todas as lideranças estiverem estudando.

O símbolo da luta pela escolarização e o estudo será nossa Escola Nacional. Ela será fruto do suor de todos os que carregam essa bandeira. Será nossa conquista e patrimônio coletivo.

Esta cartilha apresenta um conjunto de informações — que todos os militantes do MST devem saber — sobre a campanha para a construção da nossa Escola Nacional. Portanto, ela é subsídio de estudo e deve ser usada nos coletivos, nas assembleias, nas reuniões dos setores, nas instâncias, nos acampamentos e assentamentos. Vamos transformar a campanha em uma grande escola em todos

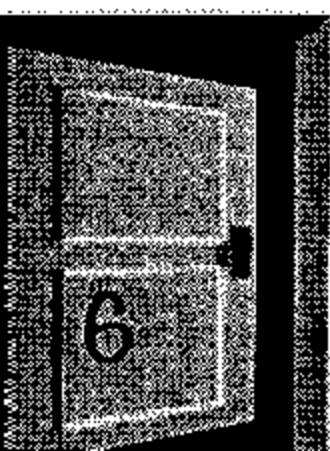
os lugares onde trabalhamos. Estudando e discutindo encontraremos formas de contribuir para superar o desafio de construir a Escola Nacional.

Convocamos todos os companheiros e companheiras a integrar a campanha de construção da Escola Nacional Florestan Fernandes.

Se todos participarem, com certeza, uma nova vitória iremos conquistar. E será coletiva. De todos nós.

São Paulo, abril de 1998.

Coordenação da Campanha de Construção  
da Escola Nacional.



# I – A ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES

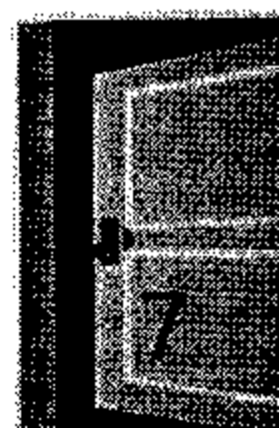
## 1. Por que uma escola nacional do MST?

a) Por que não somos mais um Movimento de massas. Somos uma ORGANIZAÇÃO SOCIAL. E, portanto, precisamos dar respostas às nossas necessidades internas como:

- ampliar a conquista da terra para os sem terras; Melhorar a produção nos assentamentos;
- possibilitar o acesso de toda a nossa base social na escola - eliminando o analfabetismo;
- garantir a escolaridade infantil e juvenil;
- ampliar as conquistas sociais de todos os acampamentos e assentamentos;
- ter instâncias estruturadas;
- setores funcionando; Mecanismos de comunicação eficientes entre outros. Além disso, precisamos dar respostas às nossas necessidades externas como: ampliar a solidariedade com outras organizações de trabalhadores; unificar as lutas rumo a transformação da sociedade; e construir um projeto popular para o Brasil.

b) Porque precisamos fortalecer a organização do MST com as características popular, sindical e política. Popular porque toda a família participa, luta pelos direitos sociais básicos como educação, moradia, saúde. Sindical porque lutamos por terra, créditos e conquistas econômicas. Político porque queremos transformar a sociedade.

c) Porque temos de fortalecer a pertença ao MST. A Escola Nacional Florestan Fernandes será um novo símbolo de nossa organização. Devemos fortalecer a identidade do MST. Somos uma grande família. Temos que ter orgulho de ser sem terra. Nossa organização



representa o suor, o sacrifício, o sangue, a garra, a luta, a ousadia que cada um carrega junto com a bandeira do MST em todos os cantos do Brasil.

d) Porque precisamos ajudar a pensar o Brasil. E precisamos ajudar o MST a ter uma visão de país, de nação. Que Brasil queremos para nossos filhos? Todos os sem terras têm que ter uma visão de Brasil, de mundo. Uma visão do futuro que queremos.

e) Porque precisamos de um espaço de convivência, de intercâmbio de experiências, de fortalecimento dos valores, de cultura, de análise, estudo, “laboratório”, que renovem nossas esperanças e se transformem em “fermento” para nossas permanentes lutas para conquistarmos nossos objetivos.

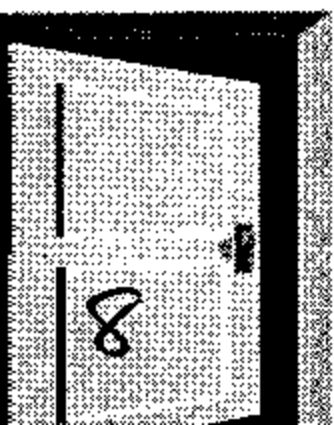
f) Porque “não existe movimento revolucionário, sem teoria revolucionária” (Lenin). Uma organização que não forma seus quadros, suas lideranças, seus coletivos, não tem futuro. Está fadada ao fracasso num curto espaço de tempo.

g) Porque temos necessidade de fortalecer a unidade política e ideológica do MST. Esta tem sido nossa grande conquista e nossa principal força no embate com a burguesia brasileira.

h) Porque o MST é uma organização nacional. As lutas são nacionais. As necessidades e desafios também são nacionais. As conquistas são nacionais. Nossa força está no nosso caráter nacional. Precisamos crescer de forma homogênea, consolidando todos os passos da organização e responsabilidades que temos para com os trabalhadores.

i) Porque temos que ampliar a solidariedade entre os Estados que mais necessitam. Porque precisamos formar lideranças para contribuir com outros Estados. Aprendemos a desenvolver a solidariedade como um valor dentro do MST e todos os estados conhecem, porque sempre contaram com lideranças de outros Estados que ajudaram a construir o Movimento que somos hoje.

j) Porque acumulamos diferentes experiências de formação de lideranças. E o intercâmbio de experiências tem se transformado em um dos principais instru-





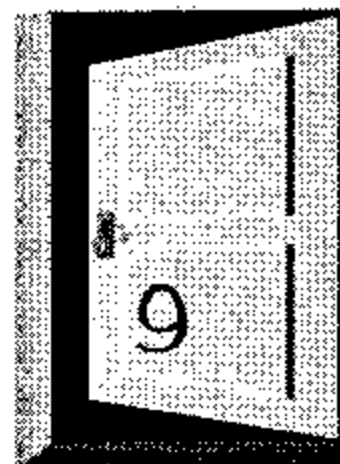
mentos de fortalecimento da nossa organização. A “apropriação” das experiências inovadoras entre os Estados é um fato consumado na construção do MST. Somos resultado de nossas próprias experiências. É a teoria aliada à prática. Esta prática precisa continuar e ser fortalecida.

k) Porque precisamos acumular conhecimentos em diferentes áreas das ciências. Precisamos conhecer pedagogia, psicologia, sociologia, antropologia, filosofia, economia, política, entre outras ciências para superarmos os desafios do cotidiano. Desafios estes que se apresentam em todos os lugares onde atuamos. Desde o trabalho de base, os acampamentos, os assentamentos, as lutas diárias, as relações pessoais e coletivas são condições importantes para nossos avanços orgânicos.

l) Porque precisamos conhecer profundamente a realidade onde atuamos. É condição fundamental para o bom desenvolvimento de nossas atividades. Quem não conhece a realidade onde está trabalhando, jamais poderá contribuir para a sua transformação.

m) Porque precisamos formar e multiplicar lideranças para a classe trabalhadora. Queremos mudar a sociedade toda, não apenas o crescimento e conquista dos objetivos do MST. Precisamos avançar muito mais do que as nossas demandas corporativas, como condição de fortalecermos a organização de classe, avançar e qualificar sua intervenção rumo às mudanças que almejamos.

n) Porque a Escola Nacional será o elo entre todas as escolas estaduais e regionais que temos. Será o principal elemento de ligação de todas as formas e experiências de formação que desenvolvemos internamente no MST. Quanto maior o grau de qualificação local e regional, maior a qualidade da formação na Escola Nacional. As escolas regionais são condição básica para uma boa formação na Escola Nacional. O que possibilitará avanços qualitativos na formação de lideranças que precisamos em todos os lugares onde o MST atua.



## 2. Qual a importância do estudo no MST?

Porque para o MST, o Trabalho e o Estudo são valores fundamentais. Só através deles seremos capazes de transformar nossa consciência, condição básica para transformarmos o Brasil. Devemos ter amor ao Estudo. Conhecer todas as coisas, como condição para alcançarmos o progresso e o desenvolvimento humano. Nós devemos dirigir o futuro da humanidade.

Bertold Brecht tem um poema muito bonito — “Ao Comando” — que expressa bem esta necessidade do Estudo.

“Ao Comando

Aprenda o mais simples!

Para aqueles cuja hora chegou

Nunca é tarde demais!

Aprenda o ABC

Não basta... Mas aprenda!

Não desanime! Comece!

É preciso saber tudo

Você tem que assumir o comando!

Aprenda, homem no asilo!

Aprenda, homem na prisão!

Aprenda, mulher na cozinha!

Aprenda ancião...

Você tem que assumir o comando!

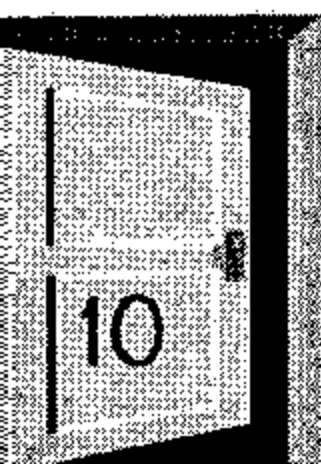
Freqüente a escola você que não tem casa

Adquira conhecimento você que sente frio

Você que tem fome, agarre o livro: É uma arma!

Você tem que assumir o comando!

Não se envergonhe de perguntar, camarada!



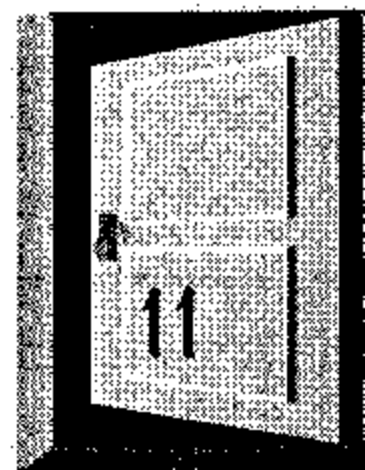
Não se deixe convencer!  
Veja com seus olhos!  
O que não sabe por conta própria, não sabe.  
Verifique a conta:  
É você quem vai pagar.  
Ponha o dedo sobre cada item.  
Pergunte: O que é isso?  
Você tem que assumir o comando.”

Este poema nos ensina que “quanto menos soubermos, menos deixaremos de herança para nossos descendentes”. Portanto, quanto mais aprendermos hoje, mais qualificados e preparados serão nossos filhos.

Que este poema se transforme em realidade em todos os lugares onde estiver plantada uma bandeira do MST. E que cada militante assuma a responsabilidade de estar “Ao Comando” da formação e do estudo dentro de nossa organização.

### ***2.1. Porque 100 mil já estão estudando no MST. Mas ainda é pouco***

Em 1990, o MST definiu como sua palavra de ordem “Reforma Agrária: uma luta de todos!” A partir de então, o contato com o mundo de “fora” do MST nos colocou desafios até então não muito claros. Como responder às diferentes perguntas que a sociedade nos faz todos os dias? Quantos já deram entrevistas em rádios, jornais e televisões? Quantos já realizaram palestras e debates em escolas e universidades? Quantos foram desafiados a participar de coletivos para buscar respostas para nossa própria organização? O MST se tornou uma organização complexa, onde todos precisam entender de organização de base, de ocupações de terra, de realidade agrária, de cooperação agrícola, de formação, de comunicação, etc. E quem sabe ler e escrever, quem



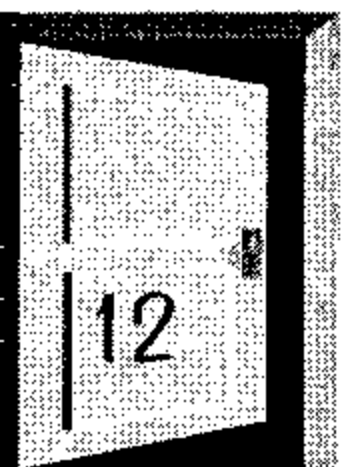
estuda, faz a diferença nas várias atividades que participa. Mas, o desafio é fazer com que todos saibam ler e escrever e estudem.

Nunca no MST a militância sentiu e sente tanta vontade de estudar. Nunca precisamos de tantas pessoas com discernimento, com capacidade de intervenção, com qualificação. Nós transformamos o direito à escola um patrimônio do MST. São mais de 85 mil crianças e adolescentes que estão nas escolas de 1º e 2º graus. Mais de 15 mil lideranças estão fazendo cursos de formação, em todos os estados ou regionais. Mas ainda é pouco. Milhares de trabalhadores nos acampamentos e assentamentos são analfabetos e estão fora da escola. O desafio é: como transformar todos os assentamentos e acampamentos em verdadeiras escolas, onde todos possam aprender a ler e escrever?

É esta complexidade que é o MST - de se desafiar e ousar colocar todos numa grande escola - levou nossa organização a criar o ITERRA (Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária), a formarmos nossos Técnicos em Administração Cooperativista (TAC), a realizarmos os Cursos de Magistério em diferentes estados, em convênios com universidades Federais, o Curso de Pedagogia (de 3º grau), e o Curso de Especialização para a área de desenvolvimento agrícola em convênios com universidades, também de 3º grau. É com esta mesma complexidade e desafio de buscar respostas para as diferentes necessidades, que iremos construir a Escola Nacional do MST, símbolo maior da busca permanente do saber dentro de nossa organização. Ninguém pode ficar de fora. Todos devem estudar. Todos devem participar.

### **3. Breve história da formação no MST**

A história da formação no MST está diretamente ligada aos objetivos do movimento. Ela se coloca em cada período e ao jeito do MST se organizar internamente. As grandes fases históricas do MST e como foi realizada a formação podem ser divididas em:



## **1979-1984: Nascimento do MST**

Neste período existiam as ocupações de terras articuladas localmente. Toda a formação realizada era destinada para as lideranças que estavam nas ocupações de terras, como condição para melhorar a luta e garantir as conquistas. E quem realizava os cursos eram as lideranças das Igrejas que davam apoio e assessoria de fora do movimento. Estudava-se muito a luta pela terra a partir da Bíblia. Em janeiro de 1994, foi fundado o MST, no 1º Encontro Nacional, definindo seus objetivos e princípios.

## **1984/85-1988: Construção do MST**

Com a fundação do MST, a formação foi assumida pelo próprio movimento. Neste período o movimento se transforma numa organização social. Definimos as instâncias nacionais (Congresso Nacional, Encontro Nacional, Coordenação Nacional e Direção Nacional) e os setores nacionais que deram corpo e garantiram o desenvolvimento das atividades em diferentes coletivos (Frente de Massa, Coordenação dos Assentamentos, Jornal Sem Terra – Comunicação e Propaganda, Formação, Educação, Relações Internacionais, Finanças e Projetos e Secretaria Nacional).

Neste período a formação se dava através dos setores. Estudava-se a História do Brasil e a luta pela terra no país, economia política (como funciona o capitalismo), sindicalismo (forma de organização dos trabalhadores) e metodologia (como fazer reuniões, encontros, trabalho de base).

## **1989-1994: Consolidação do MST**

Este foi o período de maior reflexão interna. Foi o período em que se definiu o caráter do MST: um movimento de massas com caráter popular, sindical e político. Foi também o período de elaboração das linhas políticas gerais para todos os setores do Movimento.

Em fevereiro de 1990 foi realizado o primeiro curso na Escola Nacional, em Caçador (SC). Neste ano realizamos a XII turma. Aproximadamente 1000 lideran-



ças participaram de cursos em Caçador. Também neste período, foram formadas as turmas dos monitores. Foram desenvolvidas as experiências dos Cursos Prolongados e Integrados com a Produção e os Laboratórios de Centro e de Campo. Iniciou-se a formação técnica-pedagógica no DER-FUNDEP em Braga (RS) em janeiro de 1990. O TAC teve início em 1993. Os temas de maior aprofundamento eram História do Brasil, Economia Política e Teoria da Organização.

### **1995 até hoje: “Reforma Agrária: uma luta de todos!”**

A marca principal deste período é a formação voltada para a escolarização, profissionalização e formação político-ideológica para as lideranças e dirigentes. É neste período que o direito à escola torna-se patrimônio no MST. A aplicação prática da palavra de ordem “Reforma Agrária: uma luta de todos” colocou novos desafios ao MST. A relação com a sociedade exige qualificação. Exige rompimento do corporativismo e do discurso, até então realizado internamente. Precisamos conhecer outras áreas das ciências. E estudar passou a ser uma necessidade de toda a militância.

A formação está sendo dirigida para dar respostas a estes desafios. Surgem profissões e habilidades novas. Ampliam-se os cursos profissionalizantes e, hoje, temos o Supletivo de 1º grau no ITERRA dirigido à operários da região de Veranópolis (RS), TAC e Magistério de 2º grau (ITERRA) para nossos militantes, Pedagogia de 3º grau em Ijuí (RS), Magistério de 2º grau no Espírito Santo e em fase de preparação para início de 1999 os cursos de Pedagogia (ES), Magistério (PB), Pedagogia (MT) — em convênios com as Universidades Federais.

A formação político-ideológica passou a ser desenvolvida nas instâncias e setores através da formação de brigadas regionais e nacional, da leitura dirigida e do estímulo ao estudo. É o movimento em formação e estudo permanente. Todos estudando, todos aprendendo!

Por outro lado, temos grandes desafios a serem superados. São as novas demandas e necessidades internas nas áreas da saúde, gênero e classe, desen-

volvimento rural e agroeco-logia, cultura (música, artes, pinturas), Projeto Popular para o Brasil, entre outras.

## **4. Quais os objetivos da Escola Nacional?**

A Escola Nacional do MST terá, num primeiro momento, cinco grandes objetivos a conquistar:

a) Buscar uma prática intelectual e política que permita produzir o máximo de conhecimento científico necessário à transformação da sociedade;

b) Estimular a organização social, política e econômica para superar os desafios internos das áreas de reforma agrária;

c) Formar lideranças que contribuam para a construção de uma sociedade justa, fraterna, democrática e igualitária;

d) Proporcionar o intercâmbio de conhecimentos e experiências com outras organizações de trabalhadores, rurais e urbanos;

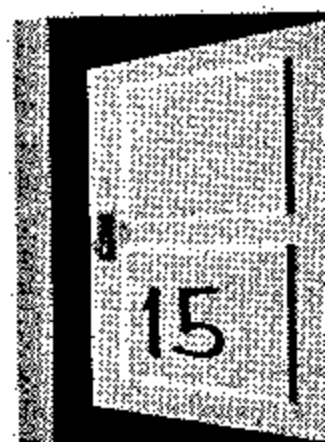
e) Capacitar tecnicamente os militantes da reforma agrária, nas áreas de maior necessidade do movimento.

## **5. Quais os principais cursos que serão realizados na Escola Nacional?**

A experiência histórica dos trabalhadores mostrou que um dos pilares de sustentação de qualquer organização é a capacidade de formar e multiplicar lideranças. Como principais cursos de formação na Escola Nacional, destacamos:

### **Cursos de Magistério e Pedagogia.**

São aproximadamente 2,5 mil professores e professoras que atuam em áreas de assentamentos. Trabalham com 85 mil crianças e adolescentes. E apenas mil destes contam com curso de primeiro grau completo. Portanto, um imperativo fundamental para o avanço



da qualificação dos professores(as) é a qualificação em Magistério e Pedagogia de 2º e 3º graus.

### **Oficinas de Artes.**

Até hoje não conseguimos organizar um coletivo que se especialize em cultura. Temos inúmeras experiências individuais que ainda não somam para a organização. Precisamos avançar para que a cultura se transforme em mais uma conquista do MST e contribua para o avanço da luta dos trabalhadores. Um artista russo afirmou que “sem arte revolucionária, não há movimento revolucionário”. Está colocado para nós mais este grande desafio a ser superado também.

### **Curso Técnico em Administração Cooperativista (TAC).**

Hoje contamos com 60 Cooperativas de Produção Agropecuárias nos diferentes assentamentos. Temos também 76 cooperativas regionais de prestação de serviços. E o desafio que precisam responder é: Qual o modelo de desenvolvimento agrícola que queremos para nossos assentamentos? Nos cursos do TAC já se formaram em cursos de 2º grau, 143 lideranças que hoje atuam nos assentamentos, em todos os estados onde o MST está organizado.

### **Cursos Agro-industriais.**

Um dos objetivos da reforma agrária que defendemos é o de levar o desenvolvimento rural para o interior do Brasil, em particular, o desenvolvimento de unidades agro-industriais. Temos um conjunto significativo de 54 experiências de industrialização dos produtos da Reforma Agrária. Mas, ainda não avançamos o necessário.

### **Cursos de lideranças e quadros para o MST.**

Este é um dos grandes desafios que temos. Em todos os lugares onde atuamos, temos necessidades de lideranças com maior qualificação. E que consigam dar repostas a todos os desafios colocados para a organização do MST e dos trabalhadores.





Ou dominamos a ciência e o conhecimento da realidade ou estamos condenados, com os dias contados, na perspectiva de conquistar nosso futuro justo e igualitário. O que já conquistamos é suficiente para a classe trabalhadora?

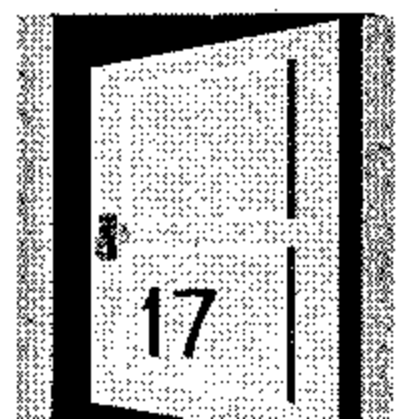
## **Cursos de capacitação para os setores orgânicos do movimento.**

O MST tem hoje vários setores/coletivos, que desenvolvem diferentes atividades. Cada setor deve buscar responder os desafios específicos conforme a área de atuação. Os setores de educação, formação, frente de massa, cooperativismo e cooperação agrícola, finanças, comunicação, relações internacionais, mulheres (gênero e classe), saúde, entre outros são responsáveis para encaminhar no dia-a-dia as linhas políticas do MST junto à base social. Os coletivos devem envolver cada militante na pertença ao MST. Ampliar o processo interno de democracia e a conquista dos diferentes objetivos, conforme desafios identificados em nossa realidade social.

## **6. Qual a estrutura física que iremos construir?**

A Escola Nacional que iremos construir deverá compreender uma estrutura que possibilite ao movimento buscar respostas para seus desafios internos e ampliar a formação técnica. Para isso, projeta-se, em forma de agrovila, a seguinte estrutura física:

- a) Sala auditório para 200 pessoas;
- b) Duas salas auditório para 100 pessoas cada;
- c) Quatro salas para 50 pessoas cada;
- d) Salas para estudo em grupos ou pequenos coletivos;
- e) Uma sala de cultura e artes;
- f) Uma biblioteca;
- g) Laboratórios para diferentes necessidades;



- h) Dormitórios para 200 pessoas;
- i) Cozinha industrial e refeitório com capacidade mínima para 200 pessoas;
- j) Área de cultura, lazer e ciranda infantil;
- k) Praça – espaço simbólico do MST;
- l) Museu do MST.

## 7. Por que construir a Escola Nacional em São Paulo?

Certamente que as mais de 1.000 (mil) lideranças que realizaram o Curso Básico na Escola Nacional em Caçador (SC) poderiam afirmar que já temos uma escola e que não precisaríamos construir outra. Mas existem três razões básicas que justificam esta nova iniciativa. São elas:

### Geográficas

Todos os que participaram dos cursos na Escola Nacional em Caçador (SC) sabem o quanto é difícil chegar lá. Enfrentamos problemas de transportes de todos os locais do Brasil, inclusive do próprio Estado (SC). A Escola em Caçador cumpriu uma grande missão ao MST, mas não consegue mais responder aos novos desafios que precisamos enfrentar hoje.

### Climáticas

Em particular, todos os militantes que moram no nordeste brasileiro enfrentam grandes problemas na participação nos cursos em Caçador. Muitas lideranças enfrentam estas dificuldades quando os cursos nacionais se realizam no Estado do Rio Grande do Sul - TAC, Magistério e Curso Superior — como é a realidade atual. No período de inverno é impossível resistir ao frio, causando doenças e diminuindo significativamente a participação e a qualidade dos cursos. Isso interfere tanto, que não mais conse-

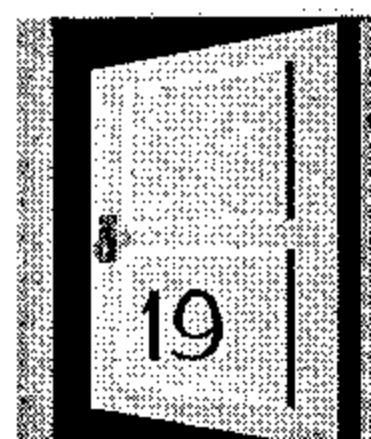


guimos programar cursos em Caçador durante os meses de maio a setembro. Ou seja, nossa atual escola permanece fechada para atividades do MST durante quase a metade do ano.

## **Assessoria**

As nossas necessidades precisam de assessoria qualificada, que não temos internamente. Precisamos contar com a colaboração de personalidades que estudaram e estudam temas que não temos ainda qualificação. E, é quase impossível contar com estes quadros da classe trabalhadora em nossos cursos. São pessoas com idade avançada e que nem sempre conseguem viajar durante toda a noite e dar aulas durante um dia todo e, ainda, retornar na noite seguinte. E tudo de ônibus, percorrendo aproximadamente mil quilômetros.

Ao construirmos a Escola Nacional em São Paulo, estes três fatores serão resolvidos. O acesso será facilitado. O clima é mais ameno para quem reside no norte e nordeste do país, possibilitando cursos durante o ano todo. E a assessoria qualificada que precisamos estará próxima. Permitindo, assim, um melhor e maior aproveitamento do saber acumulado pela classe trabalhadora.



## II – A CAMPANHA DE CONSTRUÇÃO DA ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES

### 1. Por que fazer uma campanha de arrecadação de recursos?

a) Porque a ESCOLA É NOSSA. É do MST. Somos o MST. Iremos construí-la e defendê-la de forma coletiva.

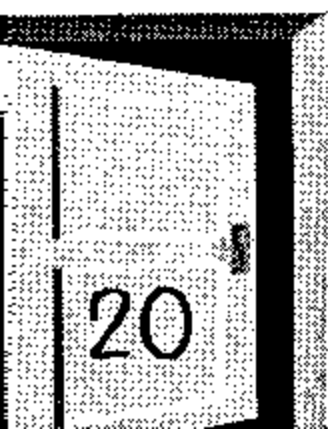
b) Porque a Escola será como um “posto de gasolina”. Um lugar onde todos os que pertencem ao MST poderão se abastecer para melhor lutar, para fazer melhor. Cada membro do MST deverá lutar para estudar nela. Será o sonho de todo militante do MST realizar cursos na Escola Nacional do MST.

c) Porque a Escola Nacional será o “símbolo” da luta do MST pelo acesso à escola pública e gratuita, contra a ignorância e o analfabetismo. Hoje, 100 mil sem terras estão estudando, desde as escolas primárias nos assentamentos até os dirigentes. Somos uma grande escola nacional, em formação e em construção, com nossas idéias, propostas, sonhos. A Escola Nacional é um valor e um símbolo do direito à educação, ao estudo.

d) Porque a nossa história é a história de superação de desafios. É a história da conquista de objetivos, de sonhos, de ideais. E a Escola Nacional é e será mais uma conquista coletiva da organização.

e) Porque a campanha será um curso de formação interna, de forma massiva, onde todos terão participação, desde os acampamentos, assentamentos, até as instâncias. Este é o nosso jeito de fazer formação também.

f) Porque a forma de campanha resgata o caráter coletivo do MST. Todos somos integrantes do Movimento e, portanto, devemos participar de todas as suas atividades e propostas. Sempre privilegiamos a formação de coletivos, de trabalho conjunto, de mutirões, de cooperativas. Juntos é que somos fortes.



g) Porque estimulamos a formação dos valores que queremos construir, na perspectiva da formação do “Homem Novo e da Nova Mulher”. Valores da solidariedade, da justiça social, da ética, do trabalho voluntário.

h) Porque criamos e precisamos ampliar a mística e a necessidade permanente do estudo. “Saber é poder”. E o saber coletivo é decisivo em todas as organizações que lutam pela transformação social.

i) Porque precisamos de espaços comunitários para realizar, de modo profundo, o debate sobre que projeto nacional queremos para o Brasil. Um dos grandes temas a serem aprofundados é o direito à educação. E a Escola Nacional deverá nos levar a fortalecer esta conquista de forma coletiva.

j) Porque precisamos ampliar os apoios para a luta pela terra, reforma agrária e transformação social junto com a sociedade brasileira. Não basta somente o MST avançar na luta de classes. É fundamental que a sociedade avance junto conosco, criando e multiplicando formas de lutas e organização para construirmos um Brasil justo, fraterno e socialista. E a Escola Nacional nos deve qualificar na relação com a classe trabalhadora como um todo.

k) Porque todos somos testemunhas que a luta coletiva leva à conquistas, à vitórias. Conquistamos a terra participando das ocupações e negociações coletivas. As lutas são sempre massivas, com a participação de todos. Organizamos cooperativas, produzimos em agroindústrias, estudamos em escolas de 1º e 2º graus nos próprios assentamentos. Conquistamos créditos e infra-estrutura para a produção, a moradia, o fomento, tecnologia para o desenvolvimento agrícola, residências, infra-estrutura para a convivência social, postos de saúde, estradas, telefones, secretarias estaduais, centros de formação regionais, entre outras. Se somos o que somos como resultado das lutas coletivas, haveria algo para impedir que a Escola Nacional não fosse construída coletivamente, como uma nova luta que devemos desenvolver?

l) Porque os custos de quem estuda no MST, desde as crianças até os membros das instâncias são assumidos pela organização. É o MST quem custeia. E esta organização somos nós. Nosso sacrifício, nosso



suor, nosso ideal, é por um direito que temos e lutamos: a escola gratuita para todos. Existe hoje, no MST algum acampamento, assentamento ou setor que não tenha a presença de pessoas que participaram de cursos de formação na Escola Nacional ou nas Escolas Regionais?

m) Porque os desafios que são colocados desde os acampamentos até as direções do MST serão solucionados pelo estudo e multiplicação de lideranças. As lideranças serão orgânicas do MST. Estarão presentes em todas as nossas atividades e lugares onde existe o MST. Onde estiver a bandeira do MST, lá deverá estar uma liderança, um quadro do MST, construindo nosso movimento e dirigindo-o até a vitória da classe trabalhadora. A Escola Nacional deverá formar e multiplicar permanentemente nossos dirigentes.

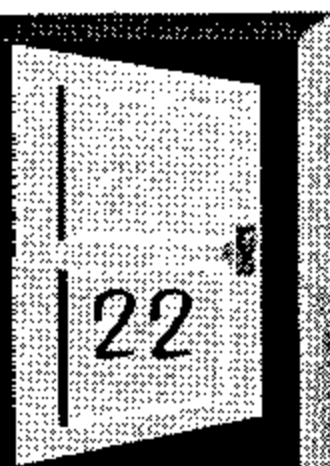
## **2. Como cada militante irá ajudar a construir a Escola Nacional?**

### **Adesão à campanha**

Todos estão convocados a integrar a Campanha da Escola Nacional, a fazer parte do grande mutirão nacional de formação. Ao tomar conhecimento do programa da campanha em seu assentamento ou acampamento, ajude a convocar todos os companheiros e companheiras e a organizar um bom encontro de formação, discutindo e aprofundando a proposta de o MST ter uma Escola Nacional. Assim você será, mesmo distante, um aluno da ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES.

### **Contribuindo financeiramente**

Seremos nós que iremos construir a Escola Nacional do MST. Será com a contribuição de cada militante, de cada família assentada ou dos acampamentos. Será fruto do nosso suor e da nossa decisão em assumir o desafio. Por isso, estamos propondo que cada militante ou família que pertence ao MST contribua financeiramente com um valor simbólico, mas muito significativo, de R\$ 5,00 (cinco reais).



## **Fazendo parte do coletivo de implementação da campanha**

A campanha para ser eficiente deverá integrar várias lideranças no trabalho de discussão e organização no Estado. Por isso, a contribuição voluntária e responsável de cada militante é importante. Participe das equipes de discussão, organização e implementação da campanha em seu assentamento, acampamento ou em sua regional. É assim que iremos construir.

## **Fazendo parte das brigadas de trabalho voluntário**

Uma proposta concreta, em particular para quem reside próximo ao Estado de São Paulo é a participação na construção da Escola Nacional. Formaremos brigadas de trabalho voluntário para a construção. E todas as profissões são importantes. Durante os dias de trabalho voluntário, serão desenvolvidos cursos de formação. É nossa Escola Militante que será construída. É nossa teoria aliada à nossa prática.

## **3. Organização da campanha da Escola Nacional**

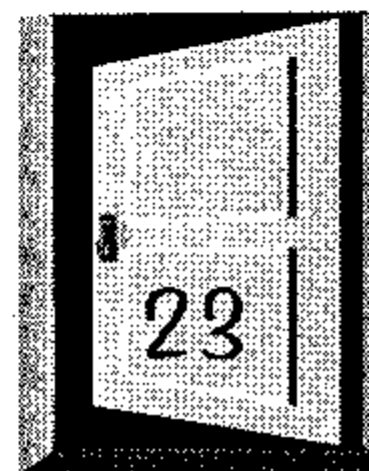
### **a) Organização Geral**

Em nível nacional a coordenação da campanha será realizada a partir da Secretaria Nacional. Terá uma equipe de coordenação de todas as atividades. Essa coordenação será responsável por implementar toda a campanha nos Estados e pela construção da Escola Nacional.

### **b) Organização nos Estados**

Nos estados serão organizadas equipes de militantes que levarão a proposta da Campanha de Construção da Escola Nacional para todos os acampamentos e assentamentos do MST. É uma equipe que fará a venda de bônus para a sociedade.

A responsabilidade pela implementação da campanha em nível nacional e estadual é das instâncias do MST.



# III – O PATRONO FLORESTAN FERNANDES

## 1. Por que o nome da Escola Nacional Florestan Fernandes?

a) Porque o MST quer prestar uma homenagem a Florestan Fernandes. Pela sua origem e formação, Florestan tem uma relação natural com o MST: superar desafios todos os dias, durante toda a vida. Florestan e o MST são filhos da classe trabalhadora. Temos uma identidade de classe. Temos uma identidade de valores: espírito de sacrifício, princípios de vida, ética, disciplina nos estudos. Florestan é o exemplo de um homem íntegro, do novo homem e da nova mulher que queremos construir.

b) Porque ele rompeu a barreira do não acesso ao estudo. Foi um permanente defensor do ensino público, gratuito e defendeu o acesso à educação para todos os brasileiros.

c) Porque Florestan mostrou que para transformar a sociedade é preciso conhecer profundamente a realidade social, política e econômica. Sem um profundo conhecimento é impossível levar adiante as lutas vitoriosas.

d) Porque ele mostrou a importância de estudar permanentemente. Precisamos ter gosto pelo estudo. Se o MST (nós) não se convencer da necessidade do estudo, será frágil nas lutas, na sua organização. A contribuição será pequena. A organização sofrerá de “anemia” e não triunfará.

e) Porque Florestan Fernandes mostrou que a idade não é determinante para estudar. Precisamos estudar sempre, por toda a vida, todos os dias. Foi na juventude que Florestan começou a estudar.

f) Porque Florestan Fernandes é um dos nomes que mais se identifica com nosso método de estudo: prática, teoria, prática. Do estudo coletivo, da supera-





ção de desafios de forma coletiva. Ele sempre estimulou a formação de coletivos de estudo para a elaboração de propostas e teorias para uma nova prática social.

g) Porque Florestan é o exemplo do estudante que queremos. Apesar das dificuldades na infância e adolescência, chegou a estudar durante 18 horas por dia, em bibliotecas públicas, para conquistar a superação do não acesso à escola pela classe trabalhadora.

h) Porque mostrou a importância do estudo científico para a classe trabalhadora que luta pela transformação social. O saber, o conhecimento, não têm limites. Sempre estamos precisando aprender mais, de forma profunda, conforme as diferentes ciências.

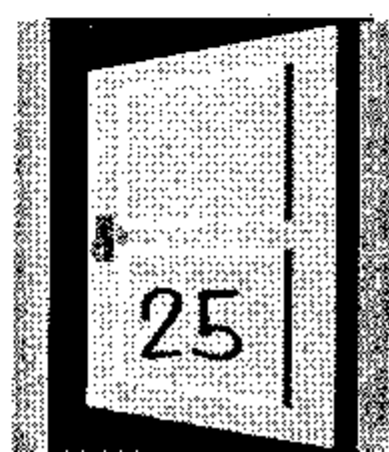
## 2. Quem foi Florestan Fernandes?

Florestan Fernandes nasceu em 22 de julho de 1920, na cidade de São Paulo e faleceu em 10 de agosto de 1995 - seis dias após ter sido submetido a um transplante de fígado. Era casado com Myrian Rodrigues Fernandes, com quem teve cinco filhas e um filho.

Filho de uma imigrante portuguesa, analfabeta e empregada doméstica, Florestan morou em sombrios quartos de empregada e pensões. Aos 6 anos, para ajudar a mãe, começou a trabalhar como engraxate, ajudante de barbeiro, carregador e balconista de bar. Sentindo dificuldades em conciliar o trabalho com o estudo, parou de estudar no terceiro ano primário.

Na adolescência, fez o curso madureza. Em três anos, aprendeu o que num prazo normal as pessoas aprendem em sete. Disciplinado, cumpriu um plano de estudos que o levou a passar dezoito horas por dia em bibliotecas públicas.

Formou-se em Ciências Sociais (1941-1943). Licenciatura em Ciências Sociais (1944). Pós Graduação em Sociologia e Antropologia (1945-46). Mestre em Ciências Sociais (Antropologia) (1947). Exerceu o ma-



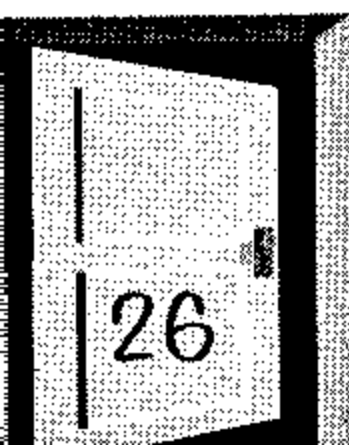
gistério superior na Universidade de São Paulo e nas Universidades de Columbia e Yale (EUA) e Toronto (Canadá). É doutor “Honoris Causa” da Universidade de Utrecht, Holanda. Foi um ardoroso defensor da educação pública e gratuita no Brasil.

Florestan escreveu 56 trabalhos acadêmicos publicados no Brasil e exterior, além de livros de múltipla autoria e de colaboração em jornais e revistas. Seus trabalhos de antropologia, feitos há quarenta anos, são leitura obrigatória até hoje. O Livro “A Revolução Burguesa no Brasil”, onde fez um retrato dos homens do poder e do dinheiro, mostrando uma classe que eterniza impasses históricos em sua resistência à mudança social, está entre os cinco melhores livros escritos no Brasil nos últimos 50 anos. É considerado um dos criadores da moderna sociologia brasileira. Sua biblioteca particular contava com mais de 20.000 volumes.

Iniciou a vida de ativista político no Estado Novo. Depois do Golpe de 64, como professor da USP, por carta, repudiou a humilhação e interrogatórios dos militares. Ficou detido por três dias. Foi um dos primeiros a protestar contra o novo regime. Em 1969, foi aposentado compulsoriamente pelo AI-5. Foi crítico severo da intervenção das Forças Armadas nas greves dos trabalhadores em 1986. Foi parlamentar por dois mandatos (1987-90 e 1991-94) pelo Partido dos Trabalhadores.

Crítico severo do capitalismo, não acreditava que as injustiças e a opressão geradas pela ordem capitalista pudessem ser equacionadas e resolvidas dentro dessa mesma ordem. Foi um permanente militante da luta pela liberdade, democracia da maioria e pela revolução socialista.

Como professor, dedicou-se a formar pessoas, educando-as para a tarefa científica, inculcando-lhes a necessidade da formação em profundidade, do rigor e da disciplina para a investigação científica. Foi incentivador do trabalho coletivo, reconhecia e aceitava as diferenças. Seu intuito era constituir equipes de trabalho capazes de produção autônoma e de alto nível.



### 3. O legado do companheiro Florestan Fernandes

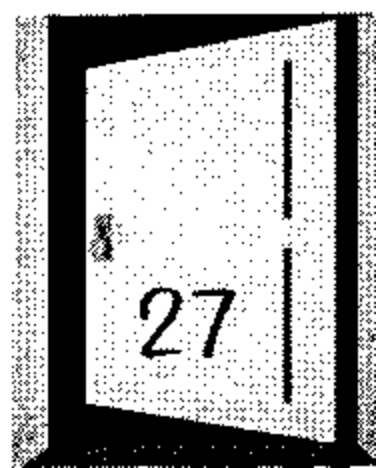
*Plínio Sampaio Jr.\**

Como conciliar desenvolvimento e democracia? Está é a questão central que orientou a vida e a obra de Florestan Fernandes e que o transformou em um dos maiores intelectuais brasileiros.

Se tivéssemos de extrair a essência de sua visão sobre as causas da extrema desigualdade social e do autoritarismo no nosso país, poderíamos dizer que ela se resume a uma idéia simples: o Brasil é uma sociedade de “exclusão social”. Somos uma nação dividida entre uma pequena minoria de “ultra-privilegiados”, obcecada em ter acesso aos últimos bens de consumo do chamado “primeiro mundo”, e uma grande maioria de trabalhadores pobres — empregados, subempregados e desempregados - que há séculos luta para superar o passado escravista e conquistar a cidadania.

Crítico do desenvolvimentismo, Florestan não se deixou seduzir pelo mito de que os problemas nacionais poderiam ser resolvidos pela simples aceleração do crescimento econômico. Escrevendo no início da década de sessenta, ele colocou a questão assim: “Ao contrário do que se pensa e do que se tem propalado freneticamente, como uma espécie de fé, os problemas do Brasil não são ‘problemas de crescimento’. Crescimento tem havido, especialmente em nível econômico. Ele não chegou a assumir, porém, as proporções e um padrão que afetassem a integração do Brasil como uma sociedade nacional”.

O elevado ritmo de crescimento da economia brasileira até o início da década de oitenta de nada serviu para atenuar os problemas estruturais das desigualdades sociais. Antes pelo contrário. Donde a extrema atualidade de sua observação. “Os povos que tentam essa saída e persistem nela, mesmo depois de descobrirem suas limitações, o fazem porque não possuem outros meios para forçar a melhoria de seu ‘destino histórico’ na civilização a que pertencem. No fundo, trata-se de uma saída cega e desespe-



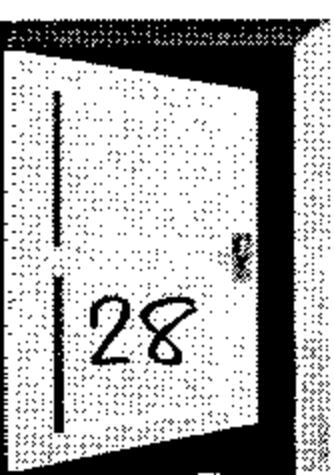
rada, tão irracional e improdutiva quanto seria combater a raiva mordendo-se o cão que a transmitisse”.

Para Florestan, a raiz da exclusão social reside na capacidade que as classes dominantes sempre tiveram e ainda têm de impedir a organização dos “pobres” enquanto atores políticos capazes de controlar o seu próprio destino. É isso que, na sua opinião, permite que o desenvolvimento econômico seja dissociado da democracia e da consolidação da soberania nacional.

O segredo desse padrão de dominação repousa, em última instância, na extrema intolerância das classes dominantes em relação à utilização do conflito como recurso legítimo de luta política por parte das classes que lutam pela conquista e ampliação de sua cidadania. Trata-se, enfim, de impedir que o povo levante a cabeça.

Florestan Fernandes alerta, no entanto, que, agindo assim, a burguesia brasileira acabou desperdiçando todas as oportunidades históricas de se conciliar com o povo e o Brasil foi acumulando problemas difíceis de resolver. No seu entendimento, o caráter anti-social, antinacional e antidemocrático de nossas classes dominantes comprometeu definitivamente sua capacidade de enfrentá-los, promovendo reformas sociais construtivas. Por essa razão, Florestan Fernandes acredita que as classes subalternas devem assumir o comando de seu próprio destino e conquistar, pela razão (preferencialmente) ou pela força (se necessário) o seu lugar ao sol.

Florestan Fernandes nunca se preocupou em deixar uma receita pronta e acabada de como deveria ser o ajuste de contas com o capitalismo selvagem. Mas, ele nos deixou alguns princípios básicos sobre como desmontar a máquina infernal da dominação burguesa no Brasil. De um lado, ele identificou o veneno que é fatal para nossas classes dominantes: DEMOCRACIA. Não a democracia formal, mero ritual eleitoral para perpetuar o domínio das velhas e das novas oligarquias, mas a democracia “autêntica”, aquela que nasce e se enraíza em um estado de igualdade social e política que concede a todos a possibilidade do pleno exercício da cidadania política. Daí a importância vital que ele dá à “revolução democrática”. De outro lado,

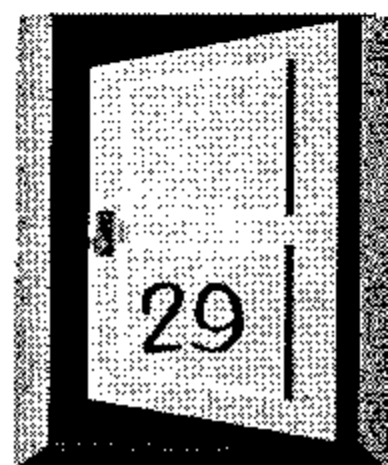


para acumular forças e solapar os alicerces da dominação burguesa: nunca transigir na defesa dos direitos fundamentais que estão na base de toda sociedade democrática. Em outras palavras, o antídoto contra a intolerância dos ricos e a intransigência dos pobres.

Convicto de que as classes dominantes e que o imperialismo farão uma resistência feroz a qualquer tipo de reforma social que possa afetar seus privilégios, Florestan Fernandes não cansou de combater a ilusão liberal de que os problemas do país encontrariam uma solução pacífica que surgiria naturalmente com a consolidação dos mecanismos institucionais da democracia formal. A seu ver, a revolução democrática desembocará inexoravelmente em uma revolução nacional de caráter anti-imperialista e só se completará com a negação do próprio regime capitalista e, em conseqüência, com a construção do socialismo no Brasil.

Donde sua advertência de que os que lutam de corpo e alma pela revolução democrática não devem esperar um caminho fácil. “Estar preparado a passar da <<guerra civil oculta>> para a <<guerra civil aberta>> é algo que exige mais que uma abundância de palavras compensatórias. Se é preciso <<repetir>> os exemplos do que ocorreu na Rússia ou na China (e quem poderá dizer que o exemplo do Vietnã está fora de cogitação?), paciência! Deve-se, apenas, fazer o possível para <<repetir>> com igual valor”.

Por ter se dedicado à compreensão e à crítica dos mecanismos de reprodução da injustiça social, apontando os caminhos que deveriam ser trilhados para a superação do subdesenvolvimento e da dependência, desde jovem, Florestan Fernandes foi perseguido, hostilizado e marginalizado pelos donos do poder. Nem por isso, deixou de combater, com ardor e tenacidade, contra todas as formas de injustiça. Durante o regime militar, sua crítica tornou-se insuportável e ele acabou sendo expulso da Universidade de São Paulo. O menino pobre, que tinha se transformado no maior sociólogo brasileiro, tornava-se, agora, um professor “sem cátedra”.



A partir de então, dedicou-se integralmente à luta direta pela “revolução democrática”. Assim, sem nunca ter deixado de ser sociólogo, o professor Florestan Fernandes acabou virando um “prático” da “luta de classes”. Hoje já não podemos contar com a força de sua presença. Mesmo assim, ele não abandonou a luta, pois seus livros e suas idéias continuarão a nos auxiliar a conhecer o presente e a descortinar o futuro.

Por isso, o companheiro Florestan nunca será esquecido pelos que lutam pela construção de uma nação livre e democrática. Seu espírito está presente em todas as trincheiras de combate à opressão. Sua estrela brilha em todos os recantos do Brasil onde o povo se levanta e se sacrifica para exigir uma vida digna.

---

\*Economista e professor da Unicamp - SP

